

A caixa de cartas e o mapa de mim: práticas reflexivas voltadas ao desenvolvimento moral e à promoção da convivência ética na escola

Tatiane C. do Espírito Santo Nakahodo
Rita Melissa Lepre

Como citar: NAKAHODO, Tatiane C. do Espírito Santo; LEPRE, Rita Melissa. A caixa de cartas e o mapa de mim: práticas reflexivas voltadas ao desenvolvimento moral e à promoção da convivência ética na escola. *In*: BENETTI, Eduardo Silva; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; LEPRE, Rita Melissa; LOPES, Lígia Serrano (org.). **Práticas Morais na Escola: a Construção da Autonomia Moral**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p. 163-178.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-585-8.p163-178>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A caixa de cartas e o mapa de mim: práticas reflexivas voltadas ao desenvolvimento moral e à promoção da convivência ética na escola

Tatiane C. do Espírito Santo NAKAHODO¹

Rita Melissa LEPRE²

1 INTRODUÇÃO

O que são práticas reflexivas ou práticas de reflexividade? Segundo Puig (2004), são práticas morais voltadas ao conhecimento e cuidado de si e referem-se ao processo pelo qual os indivíduos se engajam em uma análise crítica e deliberativa de suas próprias ações e valores morais, bem como das normas sociais e culturais que os influenciam. Essa reflexão não é apenas uma contemplação passiva mas, sim, um processo ativo que envolve a análise das consequências éticas de possíveis ações e a consideração dos princípios morais que guiam determinados comportamentos. “Podemos afirmar que o sujeito deste tipo de prática é o “eu” de todos e de cada um

¹ Mestre em docência para Educação Básica- Unesp- Bauru, pedagoga, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Moral e Educação – GEPEDEME. E-mail: tatiane.nakahodo@unesp.br

² Doutora em Educação, Livre-Docente em Psicologia da Educação. Professora Associada da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação, campus de Bauru. Líder do GEPEDEME - Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Moral e Educação. Orientadora das duas pesquisas relatadas neste capítulo. E-mail: melissa.lepre@unesp.br

dos alunos da turma” (Puig, 2004, p. 102). Isso significa que práticas morais devem considerar o sujeito em construção e a articulação entre o olhar subjetivo e o olhar objetivo que não separam o sujeito de seu meio socio-cultural. Assim, este sujeito se constrói e se conhece de forma individual e coletiva, buscando o melhor para si e para os outros.

As práticas morais reflexivas fazem parte das possibilidades de uma Educação Moral ou em Valores que tem como objetivo o desenvolvimento da autonomia dos estudantes. Puig (1998) aponta que a Educação Moral não precisa ser uma imposição heterônoma de valores e normas de conduta e muito menos pode ser reduzida à aquisição de habilidades pessoais para adotar decisões subjetivas, mas deve colaborar imprescindivelmente com os estudantes para favorecer o desenvolvimento e a formação de todas aquelas capacidades que influem no juízo e na ação moral, com o propósito “[...] de que sejam capazes de orientar-se de forma racional e autônoma naquelas situações em que lhes é apresentado um conflito de valor” (Puig, 1998, p. 18).

Piaget (1994) afirma que o sujeito tem papel ativo na construção dos valores, nas normas de conduta, na convivência com os pares, com os quais irá construir-se na interação com o meio formado por relações sociais. Puig (1998) descreve que para se construir uma vida coletiva e justa é preciso que se aprenda sobre a multiplicidade de pontos de vista, crenças e maneiras de entender o que para o outro é uma vida feliz e justa. Isso inclui o conhecimento de si e do outro e a reflexão sobre a própria moralidade.

Neste sentido, o objetivo deste artigo é relatar e refletir sobre o desenvolvimento de práticas de flexibilidade com escolares de um 4.º Ano do Ensino Fundamental, entre nove e dez anos, de uma escola da rede pública da cidade de Bauru–SP, nos anos de 2022 e 2023, tendo como fundamentação teórica os estudos e pesquisas de Janusz Korczak (1997) sobre os direitos das crianças e de Jean Piaget (1994) sobre o juízo moral na criança. As ações desenvolvidas tiveram como base a Caixa de Cartas, proposta por Korczak (1997) e o “Mapa de Mim”, proposto por Tognetta (2020) e pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GEPEN), que tem como fundamentação teórica as pesquisas de Piaget (1994) expressas em seu livro “O juízo moral na criança”.

A Caixa de Cartas é um dispositivo criado por Korczak, médico, escritor, pedagogo e ativista social, mais conhecido como precursor do direito das crianças devido à sua luta incansável por elas, sobretudo, como diretor do orfanato “Lar das Crianças”, criado em 1912, em Varsóvia, que transformou em uma verdadeira república de crianças. “Nele, conseguiu observá-las, ouvi-las e conversar com elas. Tornou-se um especialista formado por verdadeiros especialistas em infância, as próprias crianças” (Marangon, 2019, p. 171-172). Devido à rotina agitada do orfanato, que chegou a acolher cerca de 200 crianças, nem sempre era possível oferecer atenção individualizada e paciente para cada uma delas, o que levou Korczak, atento em suas observações diárias, a propor uma caixa na qual elas podiam depositar cartas escritas com ou sem a ajuda de outras pessoas. Essas cartas eram abertas em um momento de assembleia, com todas as crianças em grupo e eram lidas com o assentimento das crianças.

A discussão coletiva era embasada nos sentimentos e questões expostas e não nas crianças em si, respeitando cada uma delas e compreendendo que o foco não era apontar um culpado ou responsável por alguma ação, ou conflito específico, mas refletir sobre o que as ações realizadas podem gerar no outro e no grupo como um todo.

O “Mapa de Mim” (Tognetta, 2020), por sua vez, é uma sequência de atividades composta por três etapas: 1) Minha ilha: autoconhecimento; 2) O timoneiro em mar-aberto: linguagens e comunicação e 3) A bússola para me guiar: valores e tem como objetivo a construção de um caminho que possibilite o autoconhecimento, o olhar para o outro e a construção de ações grupais. Está disponível para *download* no site da Editora Adonis³.

As práticas reflexivas relatadas e analisadas a seguir foram pautadas nessas duas propostas e construídas pela pesquisadora responsável que também era a professora da sala de aula na qual foram aplicadas. Para além da apresentação das atividades desenvolvidas, faremos incursões teóricas sobre os fundamentos do nosso trabalho de pesquisa-intervenção, na tentativa de construção de um texto que revele o movimento da práxis pedagógica realizada, na qual teoria e prática se relacionam dialeticamente e permitem reflexões, autoavaliações e reconstruções constantes.

³ <https://www.editoraadonis.com.br/livros/292/coragem-moleque>

2 RELATO E ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS COM AS PRÁTICAS REFLEXIVAS A PARTIR DA CAIXA DE CARTAS E DO “MAPA DE MIM”

[...] Cada noite retirava um punhado de folhas de papel escritas com uma letra desajeitada e, no silêncio do escritório, podia refletir calmamente em tudo o que, na agitação do dia sobrecarregado de trabalho, teria provavelmente me passado despercebido ou que considerava pouco importante. [...] Talvez você encontre até mesmo um poema não assinado. A criança teve uma ideia, passou-a para o papel e, não sabendo o que fazer com aquilo, pôs na caixa de cartas [...] (Korczak, 1997, p. 317).

É notório que o percurso das práticas reflexivas, aliadas à roda da Caixa de Cartas e ao “Mapa de Mim”, se fez necessário, pois segundo Gonçalves e Bueno (2022), para conseguir descentrar-se e olhar para o outro, primeiramente é imprescindível que conheçamos a nós mesmos, sendo o autoconhecimento a base para todo trabalho pautado no desenvolvimento moral, segundo a teoria construtivista.

Gonçalves e Bueno (2022) reiteram, ainda, que se reconhecer em uma construção que parte primeiro de quem se é, é possível pensar nas relações com os pares nas suas relações sociais. Aqui, destacamos o contexto escolar, com os colegas e os professores, em um ambiente que seja propício a esse trabalho no qual a criança sente-se segura para falar sobre si e ser escutada favorecendo sua autoestima positiva, levando-a a construir valores positivos sobre si mesma, sobre os outros e a convivência.

Sendo assim, buscou-se por meio da aplicação da Caixa de Cartas (Korczak, 1997) a possibilidade de se organizar o tempo do professor para que os estudantes pudessem ter esse momento para dizer e ouvir sobre os conflitos que aconteciam entre eles, contribuindo para a construção de uma relação pautada na reflexão do impacto das nossas ações no outro, no respeito mútuo, na cooperação, no diálogo, na escuta, no acolhimento e, consequentemente, possibilitar avanços necessários em busca do desenvolvimento da autonomia moral (Piaget, 1994).

Todavia, este trabalho faz-se significativo se olharmos para os estudantes, como descreve Tognetta (2003), como seres humanos que “não são”, mas que “estão”, em que a construção de valores que desejamos é um processo intrapessoal a esse desenvolvimento se realizando progressivamente pela conservação de valores que têm origem nos sentimentos que se manifestam nas diferentes situações que acontecem no decorrer da vida. Para tanto, é relevante que esse estudante tenha a possibilidade de se conhecer para que assim possa reconhecer o outro com suas singularidades.

Neste percurso, é importante possibilitar práticas reflexivas nas quais eles possam perceber o quanto é necessária essa apropriação em um caminho de ressignificações no plano mental. Nessa direção, como descrevem Bataglia e Lepre (2022, p. 23), importa que busquemos instrumentos pedagógicos que possibilitem a descentração dos sujeitos para que “[...] estes exercitem a empatia e o respeito mútuo a partir da dupla perspectiva de olhar a partir de si, considerando sua história e contexto e para além de si, visando respeitar outros pontos de vista e condutas”.

A Caixa de Cartas de Janusz Korczak garante esses momentos marcados na sala de aula, e conjuntamente com essa proposta que tem como imprescindível a roda de conversa sobre as cartas depositadas pelos estudantes, se fez essencial o alinhamento com outras práticas reflexivas que oportunizassem o conhecimento sobre si, as emoções, a relação com o outro, quem o outro é e o reconhecimento dos valores importantes para a construção de uma convivência ética do grupo neste espaço.

As rodas de conversa sobre as cartas depositadas na Caixa de Cartas, durante a semana, aconteceram às quartas-feiras no período de duas aulas. Inicialmente, as conversas ocorriam dentro da sala de aula e depois intercaladas com o ambiente externo. Durante as rodas, a pesquisadora abria a Caixa de Cartas, descrevia a situação relatada e os envolvidos nas situações diversas tinham a escolha de se pronunciar, compartilhando sentimentos e emoções. Após isso, os demais estudantes podiam participar com sugestões de soluções, exemplos sobre vivências parecidas e outros relatos que contribuíssem para a reflexão e diálogo do grupo. Os estudantes se sentavam em roda de forma que todos pudessem ver e ser vistos, evitando qualquer sentimento de menos valia e havia um combinado de que aquele que de-

sejasse participar do diálogo ou tivesse dúvidas sobre o que estava sendo apresentado pelos colegas deveria levantar o braço e aguardar seu momento de fala para fazer a pergunta.

Após essa parte de diálogo sobre as cartas, simbolicamente os estudantes rasgavam a carta como simbologia do “conflito encerrado” sendo perceptível a satisfação deles nesse momento. Em seguida, encerrava-se a roda da resolução de conflitos e era realizada a apresentação da temática e atividade proposta para o dia, cujo objetivo era construir com eles um caminho concreto de conhecimento próprio e reconhecimento do outro, buscando a construção de um ambiente sociomoral afetivo na sala de aula que possibilitasse o desenvolvimento moral dos estudantes. Assim, a pesquisadora explicava os conceitos das temáticas e as atividades a serem realizadas, utilizando recursos visuais como *Power Point* e *Canva*. Ela respondia às dúvidas das crianças conforme surgiam, distribuía os materiais impressos, mediava as reflexões propostas e mobilizava ações para que os estudantes discutissem junto à professora sobre todo o percurso daquele dia. Para além das discussões possibilitadas pela leitura das cartas, outras práticas foram desenvolvidas e serão relatadas.

A primeira dinâmica proposta registrada como “Pote das emoções” teve por base a atividade “Eu comigo mesmo” do “Mapa de Mim” (Tognetta, 2020), que objetivava reconhecer, nomear e expressar as emoções por meio do desenho. A atividade solicitava aos estudantes que pensassem em diferentes sentimentos no período pós-pandemia e que registrassem as medidas proporcionais daquilo que sentiam naquele momento:

Figura 1 – O pote das emoções.



Fonte: Mapa de mim (Tognetta 2020) adaptado pela pesquisadora.

Nessa atividade, foi interessante constatar a dificuldade dos estudantes para distinguir o que eram sentimentos, o que eram emoções e o que eram sensações fisiológicas. Frente a isso, para apresentar a atividade antes de iniciá-la, foi proposta uma roda de conversa para verificar o que os estudantes entendiam por sentimentos e algumas falas se destacaram, como “Eu tenho sentimento de muito sono, depois da pandemia eu sentia muito isso, agora melhorou” e “eu não sei o que são sentimentos”. No acompanhamento do grupo desde o início do ano de 2022 era possível observar o quanto eles tinham dificuldades para reconhecer os sentimentos, as emoções e saber explicar o que sentiam. Sendo assim, depois desta primeira conversa, foi importante expor aos estudantes uma apresentação em slides que explicava o que eram sentimentos e emoções e como tudo isso acontecia dentro de nós. Após essa apresentação inicial, foi então proposta a realização do pote dos sentimentos de cada um.

Constatamos, na realização da atividade, que conforme os estudantes aprenderam a distinguir o que eram emoções do que era sentimentos, iniciaram o desenho no pote dos sentimentos. Destacamos que a medida que teve maior quantidade demarcada por eles foi “felicidade” e as medidas que tiveram menor quantidade demarcada nos potes foram respectivamente “tristeza” e “raiva”. Verificamos também que alguns estudantes, em sua maioria meninos, não concluíram a atividade porque não conseguiram nomear o que sentiam, mesmo após a roda de conversa e exposição da explicação. Cabe destacar aqui que em recentes pesquisas de estudos exploratórios com estudantes do ensino básico sobre a identificação de sentimentos e emoções, como de Aparício *et al.* (2020), verificou-se que a maior competência de identificação e diferenciação emocional acontece no gênero feminino e que estas competências aumentam com a idade.

Constata-se assim, o quanto é urgente em sala de aula um trabalho voltado para o conhecimento de si e do outro e, conseqüentemente, para a convivência ética, por meio de propostas que valorizem a autorreflexão, o diálogo e a escuta em um ambiente sociomoral cooperativo. Conforme indicam Gonçalves e Bueno (2022), é preocupante a ausência de objetivos claros sobre autoconhecimento para as crianças do 4.º e 5.º Anos como

constatado na pesquisa do Grupo de Ensino e Pesquisas em Educação Moral (GEPEM) sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), no que tange à temática do conhecimento de si e do outro para a convivência de crianças maiores, “[...] como se esta etapa já estivesse consolidada, sabendo-se que esse é um caminho que será percorrido por toda a vida do sujeito por meio de suas relações *intra* e interpessoal” (Gonçalves; Bueno, 2022, p. 28).

Este trabalho que parte da sala de aula e que precisa estar na escola, sendo um campo rico para atuar na formação do ser humano como um todo, se faz imprescindível na caminhada em direção à Educação em Valores, visto que precisamos possibilitar aos nossos estudantes o desenvolvimento do autoconhecimento para que saibam reconhecer suas emoções e sentimentos, a fim de que lidem melhor consigo mesmos, desenvolvendo o autocontrole e se relacionando de forma mais assertiva com o meio social em que convivem.

Em continuação às práticas reflexivas que foram desenvolvidas na sala de aula e que favoreciam o autoconhecimento, também trabalhamos o registro da atividade “Planeta Eu I” do livro “Mapa de Mim” (Tognetta, 2020) que objetivava contribuir para o autoconhecimento refletindo sobre o que pensam e gostam, conhecendo-se melhor e notando as diferenças entre o que os colegas gostam e pensam.

A atividade solicitava aos estudantes que preenchessem uma lista com itens que eles mais gostavam e itens que eles menos gostavam de diferentes categorias e, após produzirem suas listas individualmente, escolhessem uma dupla para compartilhar as anotações e comparar as respostas dos itens. Vejamos a lista apresentada na Figura 02, na qual após a comparação, as duplas escolheram o coração como símbolo que representasse os pontos de afinidades.

Figura 2 – Lista com itens de preferência das crianças

	Do que eu mais gosto	Do que eu não gosto
Cor	Amarelo	Verde
Animal	Cachorro	Gato
Música	Pop	Rock
Filme	Animado	Triste
Canal do YouTube	Desenho	Notícia
Série da TV ou Internet	Super-heróis	Polícia
Hora do dia	Manhã	Noite
Dia da semana	Segunda	Quarta
Roupa	Calça	Meia-calça
Comida	Macarrão	Salada
Doce	Doce	Doce
Salgado	Salgado	Salgado
Cheiro	Doce	Doce
Apelido	Doce	Doce
Lugar	Doce	Doce
Esporte	Doce	Doce

Fonte: “Mapa de Mim” (Tognetta, 2020, p. 21).

Tamanha foi a admiração de todos ao constatar que apesar das crianças terem escolhido como dupla aqueles com quem tinham mais proximidade, poucas foram as coincidências e que por mais que toda a turma tivesse a mesma média de idade, que variava entre 9 e 10 anos, as diferenças superaram expressivamente as afinidades pessoais.

Vimos aqui a importância de se propor atividades que permitam aos estudantes o autoconhecimento e o compartilhamento com o outro para conhecerem-se a si mesmos, percebendo as diferenças e tomando consciência do quanto são diferentes mesmo que considerando suas relações de amizade muito próximas, pelo simples fato de serem humanos singulares.

Tognetta (2003, p. 167) afirma que “[...] talvez os maiores preconceitos da humanidade sejam frutos, dentre outros motivos, da não experiência em contrapor-se com o diferente”. Nesse sentido, Vidigal e Vicentin (2012) apontam que o desenvolvimento moral só é possível quando percebemos o outro e trabalhamos com as diferenças, sendo esse desenvolvimento imprescindível para a formação da personalidade ética.

Para tanto, Puig (1998) destaca que uma ação educativa que busca o desenvolvimento da moralidade só pode ser efetiva quando está siste-

matizada em uma educação moral como construção pessoal pautada na realidade social. Sobre isso, Puig (1998, p. 15) discorre:

[...] a educação moral deve converter-se em um âmbito de reflexão individual e coletiva que permita elaborar moral e autonomamente princípios gerais de valor, princípios que ajudem a defrontar-se criticamente com as realidades [...] deve ajudar a analisar criticamente a realidade cotidiana e as normas sociomorais vigentes, de modo que contribua para idealizar formas mais justas e adequadas de convivência.

Entendemos, então, que é improvável desenvolver-se moralmente sem antes conhecer-se a si mesmo, para então aprender a reconhecer o outro com suas singularidades e valores que podem não ser iguais aos meus, mas que devem ser mutuamente respeitados.

Na sequência da apresentação das práticas reflexivas propostas, desenvolvidas na sala de aula concomitantemente à Caixa de Cartas, veremos agora o registro da atividade sobre a construção dos valores morais. Inicialmente realizamos um levantamento prévio sobre o conhecimento dos estudantes sobre o que são valores morais, o que retornou resposta unânime do grupo sobre desconhecer esse termo usado para nomear posicionamentos e sentimentos que guiam nossas ações cotidianas. A fim de esclarecer e informá-los a respeito dessa temática, a pesquisadora apresentou uma sequência de slides que exemplificam e explicam o que são os valores morais.

Nesse sentido, a atividade “A bússola para me guiar: valores” proposta no livro “Mapa de mim” (Tognetta, 2020) foi readaptada nos slides de apresentação do tema e teve por objetivo conhecer o que são valores morais e pensar juntos sobre como eles são importantes para guiar nossas ações na busca de uma boa convivência com os pares e com a própria construção pessoal a fim de que se viva com satisfação.

Figura 3 – Slides da atividade “A bússola para me guiar: valores”



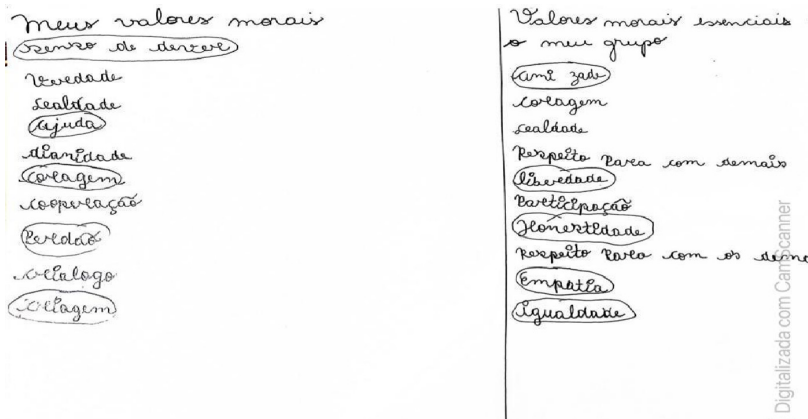
Fonte: “Mapa de Mim” (Tognetta, 2020, p. 35-36-41) adaptado em slides pela pesquisadora.

Como descrito nos slides, para a consolidação dessa atividade, objetivando a reflexão de forma individual e depois coletiva, a pesquisadora propôs uma “dinâmica dos valores” na qual os alunos receberam uma folha sulfite e elencaram 10 valores pessoais e 10 valores necessários no grupo. Após elencar, precisaram escolher 5 valores de cada grupo e, finalmente, selecionar um valor que para eles devesse constar na convivência.

Após decidirem individualmente o valor selecionado, foi registrado na lousa a escolha de cada um e os valores que mais se sobressaíram na atividade (fé, lealdade, amizade, igualdade, diálogo, força de vontade, em-

patia, bondade, paz, perdão, verdade, esperança e diálogo) foram selecionados pelo grupo como os valores que deveriam guiar a turma na melhoria da convivência naquele momento.

Figura 4 – Valores selecionados pelas crianças



Fonte: Adaptado de Mapa de Mim (Tognetta, 2020) imagem do arquivo pessoal da pesquisadora.

Objetivando a representação simbólica do grupo, como sugerido na atividade “Árvore dos Valores” no “Mapa de Mim” (Tognetta, 2020, p. 31), foi proposto ao grupo a confecção da Árvore dos Valores do 4.º ano. Para tanto, realizamos uma roda de conversa e os estudantes colaram os valores morais que haviam elencado e que selecionaram como representativos do grupo e assinaram a árvore como símbolo do “compromisso com o cultivo para colheita dos frutos”. Foi realizada uma discussão sobre os valores e as virtudes a partir da afirmação de Comte-Sponville (1999), citado no “Mapa de Mim”:

Não se trata de dar lições de moral, mas de ajudar cada um a se tornar seu próprio mestre, como convém, e seu único juiz. Com que objetivo? Para ser mais humano, mais forte, mais doce. Virtude é poder, é excelência, é exigência. As virtudes são nossos valores morais, mas encarnados, tanto quanto pudermos, mas vividos, em ato (Comte-Sponville, 1999, orelha do livro).

Figura 05 – A árvore dos valores



Fonte: Adaptado de “Mapa de Mim” (Tognetta, 2020, p. 31).

As práticas reflexivas apresentadas ilustram a essencialidade de ações democráticas que devem ser sejam proporcionadas de forma intencional e planejada, voltadas para a construção de um ambiente que possibilite a participação efetiva dos estudantes nos processos de autoconhecimento, de reconhecimento do outro, dos valores que cada um traz consigo e da importância de uma convivência ética pautada nos valores do grupo que está inserido na sala de aula e na escola.

Tognetta e Lepre (2022) descrevem que para oportunizar aos estudantes a vivência de valores sociomorais na rotina escolar é preciso que a aula tenha a participação ativa deles, conjuntamente com um professor mediador e argumentador, que os leve a desenvolver a percepção sobre o que é uma convivência ética e a pensar diferentes formas de resolver seus próprios conflitos, entendendo que cada um tem o seu valor humano.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Caixa de Cartas e as atividades desenvolvidas e relatadas tinham por objetivo oportunizar aos estudantes um encontro marcado com a mudança necessária para que o ambiente da sala de aula pudesse se tornar para além de um local de construção do conhecimento científico, um lugar de acolhimento, de escuta, de diálogo, de reconhecimento dos sentimentos, de conhecimento de si e do outro, de afetividade, solidariedade, de trocas, de respeito mútuo e consequentemente de avanços em busca do desenvolvimento da moralidade autônoma.

As atividades que foram propostas partindo do material “Mapa de Mim” (Tognetta, 2020) tiveram impacto significativo e positivo nos estudantes, que puderam aprender mais sobre eles mesmos, sobre os amigos, sobre conceitos que desconheciam como, por exemplo, “o que são sentimentos e emoções”, “linguagem descritiva e linguagem valorativa” e “o que são valores morais”.

Tognetta (2003, p. 125) afirma que ao se oferecer condições necessárias a esse desenvolvimento quando desejamos a formação de pessoas éticas, encontramos a possibilidade de construção das virtudes, “[...] sobremaneira, a solidariedade que perpassa o desenvolvimento cognitivo, moral e contemporaneamente como parte dessas necessidades humanas, a afetividade”.

Essa construção significativa dentro da sala de aula inicia-se quando buscamos um ambiente que passa a acolher o outro como ele é, valorizando seus sentimentos e sendo respeitado nisso, construindo juntos um lugar onde cada um possa falar de si e ouvir do outro, permitindo que os estudantes sintam-se cada vez mais pertencentes ao local e ao grupo em que estão inseridos. Entendemos que as palavras-chave, que simbolizam essa construção dentro da escola em busca de tornar possível e constante esse trabalho na sala de aula, são: acolhimento, reconhecimento e pertencimento. Ademais, quanto mais os estudantes sentiam-se ouvidos, mais se sentiam acolhidos; quanto mais tinham valorizados seus sentimentos e eram respeitados nisso, mais se sentiam reconhecidos e quanto mais isso acontecia, mais nítido era o sentimento de pertencimento do grupo.

Considerando tudo o que vimos e sentimos nesta experiência formativa, a partir de práticas morais, sugerimos o trabalho com a formação dos professores para que se sintam capacitados para atuar de forma significativa, como agentes transformadores do ambiente escolar que se inicia na convivência da sala de aula para que assim possam ressignificar a forma como lidam com as divergências e colaborar de maneira efetiva no desenvolvimento moral de seus estudantes, valendo-se de possibilidades, como a Caixa de Cartas e o “Mapa de Mim”, como meios democráticos e cooperativos de mediação da prática reflexiva na resolução dos conflitos.

REFERÊNCIAS

- APARÍCIO, G.; FERREIRA, M.; CAMPOS, S.; RIBEIRO, O.; AMARAL, O.; CRUZ, C. *et al.* Identificando emoções e sentimentos: estudo exploratório com alunos do ensino fundamental e médio. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 33, p. e-APE20190057, mar. 2020. Disponível em: <https://acta-ape.org/en/article/identifying-emotions-and-feelings-exploratory-study-with-elementary-and-high-school-students>. Acesso em: 15 mar. 2024
- BATAGLIA, P. H. R.; LEPRE, R. M. Por que escolher Piaget para fundamentar o tema da convivência ética na escola. *In*: TOGNETTA, L. R. P., LEPRE, R. M. (org.). **Um currículo para a promoção da convivência ética e prevenção da violência**: Por quê?. Americana: Adonis, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, DF: MEC; Secretaria da Educação Básica, 2018.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GONÇALVES, C. C.; BUENO, M. C. S. Como é que se trabalha o conhecimento de si e do outro: a partir da interação com os pares e com os adultos? *In*: TOGNETTA, L. R. P.; LEPRE, R. M. (org.). **Um currículo para a promoção da convivência ética e prevenção da violência**: como é que se faz. Americana: Adonis, 2022. p. 19-37.
- KORCZAK, J. **Como amar uma criança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MARANGON, A. C. R. Janusz Korczak e os direitos da criança: entrelaçando vida e obra. *In*: BOTO, C. **Clássicos do pensamento pedagógico**: olhares entrecruzados [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 171-187.
- PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PUIG, J. M. **Práticas morais**: uma abordagem sociocultural da educação moral. São Paulo: Moderna, 2004.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.

TOGNETTA, L. R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola**: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista. Campinas. Mercado das Letras, 2003.

TOGNETTA, L. R. P. **Coragem, moleque**. Mapa de Mim. Americana: Adonis, 2020.

TOGNETTA, L. R. P.; LEPRE, R. M. (org.) **Um currículo para a promoção da convivência ética e prevenção da violência**: Por quê? - Americana: Adonis, 2022.

VIDIGAL, S. M. P.; VICENTIN, V. F. O processo da resolução de conflitos entre crianças e adolescentes *In*: TOGNETTA, L. R. P., VINHA, T. P. (org.). **É possível superar a violência na escola? Construindo caminhos pela formação moral**. São paulo: Editora do Brasil S/A, 2012.